

O cânone no jornalismo cultural: permanência de valores modernistas na avaliação da literatura brasileira no suplemento *Mais!* da *Folha de S. Paulo* no período de 1992 a 2004

Prof. Dr. Marcelo Fernando de Limaⁱ (UP, UNICURITIBA)

Resumo:

O objetivo deste trabalho é mostrar como o suplemento Mais! da Folha de S. Paulo lê o cânone literário brasileiro tendo em vista critérios que privilegiam determinadas correntes da crítica do país. Ligado ao universo da cidade de São Paulo, influenciado por intelectuais de suas universidades, o Mais! elegeu autores do cânone nacional e internacional tendo como base de avaliação tendências da crítica que começaram a se formar com o modernismo e que se consolidaram na universidade e na imprensa paulistana. Neste texto, mostramos que, embora a recente produção crítica na universidade brasileira seja influenciada pelos estudos culturais, a produção veiculada no Mais! manteve-se fiel à tradição crítica formada em São Paulo, mostrando-se seletiva e, em muitos momentos, claramente contrária à divulgação de novas propostas da crítica.

Palavras-chave: crítica, jornalismo cultural, estudos culturais, cânone

1 Introdução

No dia 16 de maio de 2010, os leitores da *Folha de S. Paulo* foram surpreendidos com o fim do suplemento *Mais!*, que alcançou certo prestígio em seus 18 anos de circulação. Na matéria, o seu primeiro editor, Alcino Leite Neto, dizia que o jornal fora criado para cobrir a vida cultural brasileira com inteligência e atualidade, procurando “[...] evitar a tendência ao passadismo e à museificação, que continuam sendo verdadeiras pragas no jornalismo cultural” (LEITE NETO, 2010, p 8).

De fato, a história do jornalismo cultural brasileiro mostra que os suplementos foram instrumentos importantes para a circulação de literatura e crítica; eles tiveram um papel fundamental até a década de 1970, quando grande parte dos intelectuais brasileiros usava o jornal como “caixa de ressonância” das discussões estéticas. A época de ouro dos suplementos acabou nos anos 1980, quando o jornalismo cultural brasileiro voltou-se para a cobertura da indústria cultural e o crítico literário se refugiou na universidade (SÜSSEKIND, 1993). Lançado em 1992, a trajetória do *Mais!* foi marcada pela tentativa de retomar os tempos áureos do jornalismo cultural, fazendo frente ao avanço das novas mídias e da indústria do entretenimento.

Considerado um chamariz para os leitores no fim de semana, o suplemento geralmente é usado para ampliar as tiragens dos jornais. De fato, no período em que o *Mais!* circulou, a *Folha* alcançou seus maiores números. Apesar do êxito comercial em alguns momentos, o suplemento não conseguiu tornar-se uma esfera pública para a discussão da produção literária e cultural.

Como o próprio ex-editor reconheceu em outro texto (2004, p. 326), o jornalismo cultural que se fez na imprensa diária nos anos 1990 não foi capaz de cobrir o que se produziu de novo na época. Essa cobertura foi feita à margem da grande imprensa, em publicações alternativas, muitas vezes bancadas pelos próprios escritores ou críticos. Assim, o jornalismo cultural dos anos 1990 teve uma postura bastante acanhada em relação às novas produções.

Tendo em vista esse contexto, o objetivo deste trabalho é mostrar que, num momento em que

houve na academia uma abertura para o questionamento do cânone literário – com a circulação da crítica pós-estruturalista e dos estudos culturais –, a crítica que circulou no *Mais!* manteve uma visão mais seletiva de literatura e crítica, dando grande importância aos valores estéticos da modernidade.

Para realizarmos o trabalho, fichamos os 665 primeiros números do suplemento, no período de 16/02/1992 a 14/11/2004, envolvendo as duas primeiras fases da publicação. O trabalho não inclui análise da terceira fase, até 16/05/2010, quando o suplemento foi extinto. Optamos por essa data por se concentrar na década de 1990, período de grandes mudanças no jornalismo impresso e na crítica.

2 Da indústria cultural às altas literaturas

Ao longo de 18 anos de circulação do *Mais!*, podemos verificar três fases: a fase 1 (de 16/02/1992 a 05/12/1999, edição número 408); a fase 2 (de 12/12/1999 a 14/12/2004, número 665) e a fase 3 (de 21/12/2004 a 16/05/2010, número 995).

Na primeira fase, o suplemento, publicado em formato *standard*, com até 24 páginas, caracterizou-se pela reunião de várias seções e cadernos que eram publicados na *Folha* e que foram extintos. Assim, o *Mais!* combinou produtos ligados à indústria cultural – tais como coluna social, quadrinhos, horóscopo, cobertura de eventos do mundo pop, roteiro cultural –, ensaios e reportagens sobre o mundo da alta cultura. O gênero textual mais representativo desta fase foi a reportagem (51,9%), seguido de entrevista (16,6%) e ensaio (13 %). As três áreas mais abordadas foram literatura (25,8%), história (13%) e filosofia (8,8%). Os estudos culturais aparecem em sétimo lugar, com 5%. Isso mostra o prestígio da literatura em relação às outras áreas.

Em todas as fases, cada edição era articulada em torno de um dossiê, com destaque especial nas capas. O tema era introduzido por uma reportagem, entrevista ou ensaio, além de uma série de matérias e artigos que ajudavam a complementar as informações. Nesta fase, houve grandes concessões ao mercado editorial. Se por um lado o suplemento deu espaço para ensaios e para a alta literatura, por outro não deixou de dar cobertura ao fenômeno do *best-seller*. O mercado editorial passou a ser tão importante que o lançamento de livros refere-se a 39,8% das capas. O suplemento usou o lançamento de livros como o principal critério de noticiabilidade.

Na segunda fase, houve uma mudança expressiva. Ocorreu uma reformulação do suplemento, agora em formato tabloide, com até 32 páginas. Foram suprimidas muitas seções informativas e/ou relacionadas a entretenimento. Passou a haver maior espaço para opinião e ensaios. Intelectuais ligados à academia começam a ter maior presença, muitos deles como colunistas. Os gêneros de maior destaque são ensaio (43,9%), entrevista (15,4%) e reportagem (11,7%).

Quanto ao conteúdo, o suplemento se voltou para a consolidação da abordagem sobre intelectuais brasileiros que integram a tradição do país. Privilegiou-se uma linhagem de intelectuais e artistas ligados ao universo cultural da cidade de São Paulo. Dessa forma, o modernismo tornou-se baliza. Faz-se aí uma defesa veemente da literatura e das humanidades, em detrimento dos discursos da mídia e dos estudos culturais.

Uma das vozes mais importantes desse período foi Leyla Perrone-Moisés, para quem houve um enfraquecimento da crítica literária, ameaçada pelos descentramentos promovidos pela pós-modernidade e pelos estudos culturais. Para a autora, a inclusão de critérios de julgamento para além do estético é prejudicial à arte e à crítica. Ela escreve: “Quanto à literatura, se esta diluiu na ‘cultura’, passa a ser vista apenas como expressão, reflexo, sintoma, e perde sua função de crítica do real e proposta indireta (estética) de alternativa para o mesmo” (PERRONE-MOISÉS, 2002, p. 7). Esse discurso é incorporado no jornal, que dá grande destaque aos artistas canônicos. A defesa da alta literatura pelo *Mais!* pode ser lida como uma maneira de combater a possível “ameaça” a que

alta literatura estaria sujeita com ascensão dos estudos culturais.

Outra voz que identifica o momento como sendo de crise é Walnice Nogueira Galvão. Além de enxergar o literário como fenômeno cultural da época, ela vê uma espécie de desmonte da cultura brasileira, promovido pelo governo desde a Ditadura Militar. Segundo ela, a maneira de tratar a produção cultural adotada pelo estado autoritário – a centralização e o incentivo à indústria cultural – foi mantida pelos governos do período democrático. Isso teria contribuído para que a literatura brasileira contemporânea fosse pouco afeita às experimentações. Em resumo: “Uma lógica perversa viria a imperar, privilegiando o investimento em novidades que, devido a sua facilidade e baixo custo, degradaria cada vez mais o gosto do cidadão” (GALVÃO, 2002, p. 10).

Nas duas fases do suplemento, embora de maneira diferente, subjaz um discurso que busca preservar a alta cultura. Isso é demonstrado, no plano nacional, na construção de uma genealogia de autores e artistas que produziram a arte em vários setores – mas com maior destaque para a literatura. Nesse caso, parte da história da literatura brasileira é relida pelos dossiês do *Mais!*. Essa releitura é feita a partir valores literários já consagrados pela crítica.

Pensando dessa forma, podemos entender o suplemento literário como um leitor da tradição cultural. Isso porque, com a estética da recepção, podemos entender que a história literária não se define apenas pelo estudo de obras numa perspectiva diacrônica: a literatura ganha sentido à medida que é lida e atualizada com as recepções do presente (JAUSS, 1994).

Criado em São Paulo e em diálogo com a produção cultural da cidade, o *Mais!* incorporou, na avaliação da arte, os valores modernos, ao dar grande espaço à crítica paulista. Dessa maneira, o veículo foi porta-voz de uma leitura da literatura brasileira que entende o modernismo como referencial para a produção contemporânea.

3 O cânone no *Mais!*

Reagindo a uma suposta decadência da cultura brasileira – ou melhor, da alta cultura – o *Mais!* valorizou escritores e críticos que formam uma tradição cultural brasileira a partir da experiência da Universidade de São Paulo, do modernismo e da poesia concreta. Prova disso é a recorrência de fatos e personagens que aparecem no suplemento, sempre apresentados numa relação de interdependência, como se fossem famílias intelectuais. Entre os mais citados estão: Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Antonio Candido, Décio de Almeida Prado, Augusto e Haroldo de Campos, Roberto Schwarz, Davi Arrigucci, Alfredo Bosi.

No texto em que comenta o livro de Paulo Arantes sobre a tradição crítica paulista, o filósofo Bento Prado Jr. evoca a sua continuidade, já que os trabalhos de autores como Candido e Schwarz “[...] articulam-se em linha ou sucessão cumulativa, permitindo-nos descortinar o movimento da formação de uma tradição crítica no Brasil [...]” (PRADO JR., 1993, p. 18).

Embora tenha em Antonio Candido o seu ponto mais importante, essa tradição vem sendo formada a partir do marco da Semana de Arte Moderna. Cabe destacar a importância que o jornal confere à visão de história literária como uma sucessão de fatos encadeados no tempo, conforme a noção positivista do século XIX. Daí a necessidade de recorrer tantas vezes aos nomes consagrados da literatura brasileira; conforme são apresentados ao leitor do suplemento, cristaliza-se a ideia de que há um panorama estável na literatura brasileira.

Essa suposta estabilidade, reforçada pelo modo de exposição que evidencia o acúmulo de experiência histórica, é um antídoto à “destruição do passado” a que Hobsbawm se refere ao tratar do século XX. Para ele, a “[...] maior parte dos jovens do final do século cresceu numa espécie de presente contínuo, em que falta todo tipo de ligação orgânica entre a época em que vivem e o passado coletivo” (1996, p. 3). A construção de uma “linha evolutiva” que liga os modernistas à produção crítica é a tentativa de dar coerência a esse “passado coletivo” da literatura brasileira.

É evidente a referência a uma genealogia da crítica paulista já no primeiro número do *Mais!* (16/02/1992), edição que comemorou os 70 anos da Semana de Arte Moderna. A principal reportagem do suplemento reaviva dois ramos da árvore genealógica da crítica moderna em São Paulo. De um lado, os herdeiros de Mário de Andrade (a linha literatura e sociedade, de Antonio Candido); de outro, os “filhos”, “netos” e “bisnetos” de Oswald (o formalismo de Haroldo de Campos). Apesar das diferenças e rivalidades entre essas duas linhas, a reportagem mostra que alguns de seus membros são bastante próximos.

A história acabou por embaralhar os já complicados modelos representados por Mário e Oswald e parece ser este embaralhamento mesmo o motor que faz da vida intelectual paulista dos últimos 70 anos uma das mais atribuladas e férteis do país. As disjunções e sobreposições entre as várias correntes provocam a impossibilidade de se atribuir a descendência direta de uma tendência a uma só figura (GONÇALVES e LEITE NETO, 1992, p. 8).

É preciso notar nesse trecho o seguinte: os jornalistas considerarem a vida intelectual paulista uma das mais férteis do país, o que reflete a postura da *Folha de S. Paulo* quando à importância da cidade e do estado como sendo os *motores* do desenvolvimento brasileiro. O segundo ponto é o fato de os autores considerarem que haja uma tradição intelectual formada no ambiente de São Paulo, ainda que as diversas sobreposições de correntes tivessem provocado mistura das tendências, impossibilitando o estabelecimento das paternidades. O que querem ensinar é que, no final das contas, não importa muito se o pai é Oswald ou de Mário, pois todos descendem do modernismo.

A narrativa do *Mais!* sobre a moderna tradição crítica paulista está presente em vários números do suplemento. Se na primeira reportagem contou a história dos “pais fundadores”, em textos de outras edições falou dos filhos e dos netos, tais como entrevistas com Haroldo de Campos, Décio de Almeida Prado, Antonio Candido, Décio Pignatari e Roberto Schwarz. Deste último o *Mais!* publicou um texto sobre a influência marxista nos pesquisadores de sua geração. O título da capa evidencia o peso que o jornal deu ao grupo: “Uma geração que reinventou o Brasil” (08/10/1995).

A consagração efetuada no *Mais!* não se retringe aos críticos da tradição paulista. Na verdade, a sua forma de ler a literatura acabou sendo incorporada na forma de o suplemento escolher os autores e ler suas obras. De uma maneira geral, são os valores da alta literatura modernista que são utilizados como baliza para a escolha dos autores, tais como maestria técnica, concisão, exatidão, visualidade e sonoridade, intensidade, completude e fragmentação, intransitividade, utilidade, impessoalidade, universidade, novidade (PERRONE-MOISÉS, 1998).

Ao serem projetados nas leituras do *Mais!*, esses valores se ajustam ao cânone modernista. Entre os autores que são apresentados na capa do suplemento, a maior parte produziu suas obras nos últimos 100 anos. E mesmo os escritores que escreveram antes do modernismo são relidos a partir dos valores modernistas.

No *Mais!*, foram elaboradas quatro edições contendo listagens com rankings de escritores. Elas circularam entre 1999 e 2001. A publicação dessas listas foi motivada por dois fatos importantes: um deles foi a virada do século XX para o XXI; o segundo foram as comemoração dos 500 anos da chegada dos portugueses ao Brasil. As quatro edições com os rankings abordaram os 100 melhores romances do século (03/01/1999), os 100 melhores livros de não-ficção (11/04/1999), os 100 melhores poemas do século (02/01/2000) e os personagens mais importantes da literatura brasileira (30/09/2001). A última edição foi resultado de uma pesquisa realizada com o público, sem a participação de especialistas. À exceção do número sobre os personagens, as edições contaram com duas listas: uma referente a obras internacionais e outra, com obras brasileiras. No primeiro caso, restringiu-se ao século XX. No caso brasileiro, puderam ser escolhidos escritores e obras de todos os tempos. A edição destacou os 10 melhores de cada categoria. Houve pesos diferentes nas listas de obras internacionais e brasileiras: a primeira contou com 100 obras; a segunda, com 30.

Todas as edições contaram com reportagem com a mesma estrutura. Seu objetivo foi noticiar os autores situados entre os 10 mais importantes, justificar sua “canonização”, entrevistar os jurados sobre a validade da enquete e sobre os resultados finais. Nos três primeiros casos, a *Folha* procurou justificar a importância das listas, levando em conta os depoimentos dos entrevistados:

[*O jurado para a categoria romance Marcelo*] Coelho [...] destaca a importância da publicação da lista, que serve como referência para quem deseja saber o que vale a pena ler. Esse aspecto também é citado pelo ensaísta João Alexandre Barbosa: “Além de tudo, a lista tem uma função didática interessantíssima para o jovem leitor, para aquele que está começando a ler.” (SCHWARTZ, 1999, p. 4) Comentando o resultado final [*do ranking dos 100 melhores poemas do século XX*], o poeta Décio Pignatari ressalta a criação de “uma espécie de estatística cultural”. “As listas são a escolha de um país emergente, indicam como examinamos a cultura dos outros países e a nossa. As pessoas em 20, 30 anos, vão poder saber o que se pensava neste momento; acho isso positivo, mesmo sendo discutíveis os critérios, mesmo estando presentes as vaidades pessoais etc.” (DIAS, 2000, p. 6)

Fica evidente o valor positivo empregado às listas. Em nota explicativa na edição sobre os melhores poemas, o *Mais!* informa: “O objetivo foi mapear o que de mais significativo foi produzido na literatura e no pensamento deste século, não só no Brasil como em todo o mundo.” (DIAS, 2000, p. 6). A meta de escolher os melhores e formar uma lista consistente é reforçada pelos jurados. Marcelo Coelho afirma que ela pode servir de “referência” para “o que vale a pena ler”. Isso indica a noção de que, em tempos de ampliação da oferta de literatura no mercado, o leitor deve ser bastante seletivo. João Alexandre Barbosa reitera a importância da lista, que, por sua organização sistemática, por sua “função didática”, pode chegar ao “leitor mais jovem”. Portanto, neste caso, busca-se qualificar o próprio público da *Folha*, composto em grande parte por jovens.

Na abertura do texto sobre os 100 melhores romances do século XX, Adriano Schwartz usa como “gancho” o fato de o século XX ter tido vários dias de grande importância. No entanto, “o dia que resume o século” para a literatura foi 16 de junho de 1904, conhecido como o “Bloomsday”, que James Joyce escolheu para ambientar o seu *Ulisses*, em Dublin (SCHWARTZ, 1999, p. 4).

A lista com os 10 melhores romances internacionais do século XX é a seguinte: 1) *Ulisses*, de James Joyce; 2) *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust; 3) *O Processo*, de Franz Kafka; 4) *Doutor Fausto*, de Thomas Mann; 5) *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa; 6) *O Castelo*, de Kafka; 7) *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann; 8) *O Som e a Fúria*, de William Faulkner; 9) *O homem sem qualidades*, de Robert Musil e 10) *Finnegans Wake*, de Joyce.

Da lista dos 10 melhores romances brasileiros constam os seguintes títulos: 1) *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa; 2) *Dom Casmurro*, de Machado de Assis; 3) *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis; 4) *Macunaíma*, de Mário de Andrade; 5) *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto; 6) *Quincas Borba*, de Machado de Assis; 7) *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida; 8) *Vidas secas*, de Graciliano Ramos; 9) *São Bernardo*, de Graciliano Ramos; 10) *Memórias sentimentais de João Miramar*, de Oswald de Andrade.

Participaram da escolha Arthur Nastrovski, Carlos Heitor Cony, João Adolfo Hansen, João Alexandre Barbosa, Leyla Perrone-Moisés, Luiz Costa Lima, Marcelo Coelho, Moacyr Scliar, Silviano Santiago e Walnice Nogueira Galvão. Todos os integrantes do júri escreviam com regularidade na *Folha*. Nastrovski, Cony, Luiz Costa Lima e Moacyr Scliar eram colunistas do jornal à época; os outros publicavam textos com certa regularidade no *Mais!*. Dentre os jurados, apenas dois eram exclusivamente escritores; oito eram professores universitários. Destes, quatro eram professores da USP.

Quanto ao cânone dos romances internacionais, podemos dizer que se trata de uma escolha

que privilegiou o romance da alta modernidade e que se centralizou na Europa. Dentre os 10 romances da lista, cinco foram escritos em alemão, três em inglês, um em francês e um em português. Apesar da supremacia dos autores de língua alemã – Thomas Mann e Kafka foram citados duas vezes –, Schwartz chama a atenção para o fato de os romances de língua inglesa representarem a maior parte (cerca de um terço) da lista com as 100 obras escolhidas. Poucos que constam da lista foram produzidos fora da Europa.

A análise das capas reforça essa tendência: dentre as 665 edições, os escritores europeus aparecem como tema central em 70 capas; os brasileiros em 61; os americanos em 20; os latino-americanos em apenas 9 e os asiáticos em 2. A África e a Oceania não são representadas nas capas, em que pese o destaque que suas literaturas vêm obtendo nas últimas décadas.

Essa escolha mostra que o conceito de universalidade que preside o cânone — o da *Folha* e o cânone ocidental — privilegia a produção europeia. Embora o argumento daqueles que defendem o cânone é de que leva em conta apenas as questões estéticas, a lista de obras deixa evidente a centralidade da cultura europeia na sua formação. A maior parte dos romances escolhidos foi produzida na primeira metade do século XX. O ano mais importante é 1922, quando ocorre no Brasil a Semana de Arte Moderna. Nessa época foram publicados *Ulisses*, *Em busca do tempo perdido* e *A Montanha Mágica*.

Ainda que o modernismo tenha surgido em manifestações artísticas em fins do século XIX, foi apenas no século XX que sua linguagem conseguiu se consolidar. Dessa forma, presidem a escolha dos textos indicados determinados valores artísticos caros ao alto modernismo. Ao mesmo tempo, é um período do começo do declínio das formas artísticas da modernidade: o lançamento de *Ulisses* ao mesmo tempo situa o romance no plano mais alto a que poderia chegar e também mostra o seu declínio. A escolha que preside *Ulisses* revela essa contradição.

Quanto à escolha dos melhores 10 romances brasileiros de todos os tempos, os valores literários são semelhantes à lista internacional. Por exemplo, a eleição de Guimarães Rosa encontra paralelo com a de James Joyce; ambos são autores que alcançaram, em suas obras, um alto nível de experimentação e de maestria técnica. Apesar de *Grande Sertão: Veredas* ter conquistado a posição de melhor romance da literatura brasileira, os jurados atribuíram maior importância a Machado de Assis do que a Guimarães Rosa, já que o primeiro foi citado três vezes.

Na lista brasileira de autores, cabe destacar o fato de que os 10 classificados estão relacionados com a alta literatura e a modernidade. No caso de Guimarães Rosa, as qualidades de *Grande Sertão: Veredas* são abordadas no *Mais!* em texto extraído do livro *Tese e antítese*, de Antonio Candido, publicado originalmente em 1964. Candido considera que Guimarães Rosa é exceção na literatura brasileira, devido a sua inovação e liberdade para criar o novo.

Confirmando a tendência do suplemento, a edição dos 100 melhores poemas do século XX também privilegiou autores do alto modernismo. A lista dos escolhidos da literatura internacional, com 11 indicações, é a seguinte: 1) “A terra desolada” (T.S. Eliot); 2) “Tabacaria” (Fernando Pessoa); 3) “O cemitério marinho” (Paul Valéry); 4) “Velejando para Bizâncio” (W.B. Yeats); 5) “Hugh Selwyn Mauberley” (Ezra Pound); 6) “Pranto para Ignacio Sánchez Mejías” (Federico García Lorca); 7) “Elegia de Duíno” (Rainer Maria Rilke); 8) “À espera dos bárbaros” (Konstantinos Kaváfis); 9) “Zona” (Guillaume Apollinaire); 10) “Mensagem” (Fernando Pessoa); 11) “A canção de amor de J. Alfred Prufrock” (T.S. Eliot).

Da lista dos 10 melhores poemas brasileiros de todos os tempos contam as seguintes obras: 1) “A máquina do mundo”, de Carlos Drummond de Andrade; 2) “O inferno de Wall Street”, de Sousândrade; 3) “Marília de Dirceu”, de Tomás Antônio Gonzaga; 4) “Cântico dos Cânticos para flauta e violão”, de Oswald de Andrade; 5) “Procura da poesia”, de Carlos Drummond de Andrade; 6) “O cão sem plumas”, de João Cabral de Melo Neto; 7) “Vou-me embora pra Pasárgada”, de Manuel Bandeira; 8) “Tecendo a manhã”, de João Cabral de Melo Neto; 9) “Cobra Norato”, de

Raul Bopp; 10) “O cacto”, de Manuel Bandeira.

Os críticos que compuseram o júri foram os seguintes: Alcir Pécora, Aleksandar Jovanovic, Augusto Massi, Décio Pignatari, Irlemar Chiampi, Ivo Barroso, José Lino Grunewald, Leonardo Froés, Nelson Ascher, Sebastião Uchoa Leite. Desses 10 jurados, a maioria era de poetas (6). Há também 3 professores da USP e 1 professor da Unicamp. O perfil dos jurados é um pouco diferente em relação à escolha dos romances. Lá havia mais professores; aqui há mais poetas. A participação da USP ainda é representativa no júri.

Ao comentar a eleição de T.S. Eliot como o autor mais importante, Maurício Santana Dias confirma uma tendência notada por Adriano Schwartz na lista anterior: acabou-se privilegiando a alta modernidade. Ele destaca ainda o fato de que tanto *Ulisses* quanto “A terra desolada”, ambos escritos em inglês, terem sido publicados em 1922, “fase áurea do modernismo” e ano em que ocorreu a Semana de Arte Moderna, “que revirou as tradições culturais do país”. “Talvez não por acaso, grande parte dos melhores poemas do século se concentra naquela década.” (DIAS, 2000, p. 6).

Dentre os poemas desse período estão, além da obra de Eliot, “Tabacaria” (1928), “O cemitério marinho” (1920), “Hugh Selwyn Mauberley” (1920). “‘Não há surpresas no resultado final’, comenta Ivo Barroso. ‘A seleção patenteia a excelência da poesia modernista’” (DIAS, 2000, p. 6). Assim como na seleção dos romances, a maior parte dos poemas foi produzida por poetas europeus, além de serem escritos na língua inglesa.

Em que medida a traição crítica paulista influenciou na escolha e na leitura desses textos? Em primeiro lugar, alguns críticos ligados a essa tradição compuseram o corpo de jurados. Além disso, eles tiveram um papel importante como fontes de entrevistas para os jornalistas do *Mais!* ao longo dos 18 anos da publicação. Em segundo lugar, além de publicar os rankings, o suplemento dedicou vários de seus dossiês a autores contemplados nas listas. Usando como critério de noticiabilidade o lançamento de livros ou a comemoração de nascimento ou morte dos autores, o suplemento promoveu a releitura dos autores canônicos, ora levando em consideração uma visão mais próxima aos “filhos” e “netos” de Mário de Andrade, ora os “descendentes” de Oswald, ou seja, variando entre uma análise que privilegia literatura e sociedade, ou formalismo. E, em alguns casos, misturando ou polemizando as duas. Como exemplos, podemos citar as leituras de Machado de Assis, Euclides da Cunha e Carlos Drummond de Andrade.

Na análise da obra de Machado prevalece a leitura de Roberto Schwarz, que o entende como chave para a compreensão da realidade sócio-cultural brasileira. A crítica sociológica de Schwarz evidencia como as contradições sociais se articulam em aspectos formais da literatura machadiana, com destaque para o narrador. Essa visão, inclusive, é replicada por outros críticos. Um texto de Michael Wood, publicado originalmente no *The New York Times*, diz o seguinte:

O lance de Machado é ao mesmo tempo estético e político, um modo de espreitar as classes dominantes sem parecer divergir delas, um modo de fazer – como diz Schwarz a certa altura – com que se condenem por si só, sem que saibam o que estão fazendo. De resto, para isso foram feitos os narradores inconfiáveis: há empre uma condenação, ainda que nem sempre a condenação de uma classe inteira (2002, p. 15).

Esse trecho referenda a visão de Schwarz, que é a dominante no suplemento *Mais!* quando o tema é Machado.

A leitura de Euclides é feita de duas maneiras: sob o ponto de vista que relaciona a forma literária e o conteúdo (sob influência da crítica sociológica) e a partir apenas da concretude da linguagem (neste caso, com elementos do formalismo). No primeiro caso, o suplemento ressalta a capacidade do autor de influenciar obras contemporâneas, firmando-se na história literária. No segundo, a obra máxima de Euclides, *Os Sertões*, é lida como poesia.

O poeta Augusto de Campos afirma em ensaio para o *Mais!* que o texto de Euclides vai muito além das convenções da prosa, pois utiliza procedimentos caros à poesia. Além de fazer um estudo sobre a linguagem poética de *Os Sertões*, Campos publicou na mesma edição do *Mais!* algumas “traduções” de textos de Euclides em versos (CAMPOS, 1996, p. 10). Essa leitura evidencia uma das linhas da crítica destacadas no *Mais!*, ligada à poesia concreta. Assim, Euclides é destacado pela crítica concretista não apenas pelos aspectos sociológicos de sua obra, mas por ter contribuído para o enriquecimento da literatura brasileira do ponto de vista formal.

Carlos Drummond de Andrade é lido tanto do ponto de vista formal, quanto sociológico. Sua consagração pelo suplemento como o poeta brasileiro mais importante mostra o prestígio do modernismo para uma ideia de tradição defendida pelo *Mais!*. Afinal, por que ele, e não Bandeira, Oswald ou Mário? Ou ainda, por que não Vinicius e João Cabral? A escolha de Drummond se justifica no suplemento devida a algumas características específicas: sua produção poética é vasta, compreendendo 60 anos de poesia; Drummond consegue passar por todas as fases do modernismo como grande poeta; ele consegue dar a dimensão de clássico ao modernismo.

Conclusão

O grande espaço concedido pelo *Mais!* à avaliação da literatura privilegiado a tradição crítica paulista sinaliza para uma abordagem seletiva da produção cultural nos anos 1990 na grande imprensa, já que abre pouco espaço para abordagens novas. Apesar de publicar resenhas sobre alguns novos autores, o *Mais!* não os coloca no centro das discussões, preferindo repassar a lição dos escritores canônicos. As discussões culturais então atuais não são colocadas na linha de frente na grande imprensa. Cada vez mais generalista e apostando em produtos culturais com sucesso garantido, a *Folha* não refletiu as novas tendências.

A tentativa de manter uma tradição a partir dos grandes nomes da literatura satisfaz a construção de um público formado pelo leitor médio, mas que pretende parecer o público da alta cultura. Assim, o jornal lança discussões relativamente saturadas na academia com um ar de ineditismo. Isso favorece a recepção e serve para plasmar algumas noções estéticas previstas no jornal. Da mesma forma, a estratégia de voltar ao passado e dar grande espaço para os autores já consagrados serve para, de alguma forma, evidenciar uma pretensa crise na produção contemporânea.

Mais complexa, por ainda não ter sido classificada e suficientemente estudada, a produção contemporânea é um espaço incerto, que não ganha as páginas mais importantes da *Folha*. O suplemento *Mais!*, diferente da postura militante de publicações de décadas anteriores, não aposta em autores novos com receio de desagradar os leitores ou cometer erros de avaliação. Assim, determinados valores modernos e autores são cultuados em nome da conservação de uma tradição crítica muito aceita pela intelectualidade local. O grande problema é que o suplemento se centra apenas nessa tradição, não dando espaço para a discussão das novas tendências. Ao contrário do que foi defendido pelo ex-editor Alcino Leite Neto no dia do “falecimento” do *Mais!*, o suplemento da *Folha* não conseguiu escapar das abordagens passadistas que tanto assolaram as publicações culturais dos anos 1990.

Referências Bibliográficas

- 1] CAMPOS, A. Transertões. *Folha de S. Paulo*, 3 nov. 1996. *Mais!*, p. 10-11.
- 2] DIAS, M. S. O século da terra desolada. *Folha de S. Paulo*, 2 jan. 2000. *Mais!*, p. 6.
- 3] GALVÃO, V.N. Musas sob assédio. *Folha de S. Paulo*, 17 mar. 2002. *Mais!*, p. 5-11.
- 4] GONÇALVES, M.A.; LEITE NETO, Alcino. *Folha de S. Paulo*, 16 fev. 1992. *Mais!*, p. 6.

- 5] HOBBSAWM, E. *The age of extremes*. New York: Vintage, 1996.
- 6] JAUSS, H. R. *A história da literatura como provocação da teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.
- 7] LEITE NETO, A. *Literatura: apresentação*. In: NESTROVSKI, Arthur. *Em branco e preto*. São Paulo: Publifolha, 2004.
- 8] _____. + Mais!. *Folha de S. Paulo*, 16 mai. 2010. Mais!, p. 8.
- 9] PERRONE-MOISÉS, L. *Altas literaturas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- 10] _____. Para que servem as humanidades?. *Folha de S. Paulo*, 30 jun. 2002. Mais!, p. 7-8.
- 11] PRADO JR. C.P. A formação da tradição crítica. *Folha de S. Paulo*, 9 mai. 1993. Mais!, p. 18.
- 12] SÜSSEKIND, F. *Papéis colados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.
- 13] SCHWARTZ, A. O dia que resume o século. *Folha de S. Paulo*, 3 jan. 1999. Mais!, p. 4.
- 14] SCHWARZ, R. Um seminário de Marx. *Folha de S. Paulo*, 8 out. 1995. Mais!, p. 5-6.
- 15] WOOD, M. Um mestre em ruínas. *Folha de S. Paulo*, 21 jul. 2002. Mais!, p. 15.

i Autor

Marcelo Fernando de LIMA, Prof. Dr.
Universidade Positivo (UP)
Centro Universitário Curitiba (UNICURITIBA)
mandaprolona@yahoo.com.br; marcelo.lima@up.com.br